

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes – ECA

**Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação -
CELACC**

AUGUSTO NETO DE OLIVEIRA

Caminhos de fogo: Novo sertão pós-migrações

Comportamento do Território do Sisal após as décadas de retiradas

São Paulo

2012

AUGUSTO NETO DE OLIVEIRA

Caminhos de fogo: Novo sertão pós-migrações

Comportamento do Território do Sisal após as décadas de retiradas

Artigo Científico apresentado ao Centro de Estudos Latino-americano sobre Cultura e Comunicação - CELACC anexo a Escola de Comunicações e Artes – ECA da Universidade de São Paulo – USP, como condição para conclusão do curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos - Gestcult VI.

Orientação Prof. Dr. Silas Nogueira

Concentração em: Cultura e economia

São Paulo

2012

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as mudanças que ocorreram no Território do Sisal¹, centro-norte do estado da Bahia, em virtude do êxodo da classe trabalhadora para os grandes centros, durante os longos períodos de estiagem. Analisar o comportamento do povo sertanejo até a década de 1980, no que diz respeito às questões sociais e manifestações culturais, época em que ainda conservava seus principais aspectos culturais originais, e o que mudou em seu modo de vida até esta primeira década do século XXI, após os períodos de êxodo mais intenso. Sugere uma análise da influência da globalização da economia e das comunicações no jeito de viver, artes e costumes regionais. Como eles modificaram a face do sertão e como o fenômeno da globalização coage para *decompor* a compreensão da realidade. Como o processo migratório inverso vem colaborando para a retomada e conservação dos costumes regionais, o reconhecimento através da cultura, da identidade e do imaginário popular, ao mesmo tempo em que impõe estas mudanças. Menciona a cultura do ponto de vista das manifestações artísticas associadas ao trabalho, à vida e a morte. Aponta também uma nova forma de devastação ambiental e exploração da boa fé das pessoas utilizada por empresas e partidos políticos: o Turismo cultural.

Palavras chave: Cultura, território do sisal, semiárido, hibridização.

Abstract

This work proposes a reflection on the changes that occurred in the Sisal Territory, north-central state of Bahia, by virtue of working-class exodus to the big centers for long periods of drought. To analyze the behavior of the people backcountry until the 1980s, with regard to social and cultural events, a time that still kept its original main cultural aspects, and what has changed in the way of life until this first decade of this century, after the most intense periods of exodus. Suggests an analysis of the influence of economic globalization and communications in the way of living, arts and customs. How they have changed the face of the interior and how the phenomenon of globalization coerces to decompose the understanding of reality. As the migration process has been helping to reverse the recovery and preservation of regional customs, through the recognition of culture, identity and popular imagination, while imposing these changes. Mentions the culture from the standpoint of artistic events associated with the work, life and death. It also points to a new form of environmental devastation and exploitation of the good faith of the people employed by companies and political parties: the cultural tourism.

Keywords: Culture, territory sisal, semiarid, hybridization.

¹ O Território Do Sisal é composto por 20 municípios: Araci, Barrocas, Biringinga, Candéal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente.

resumen

Este trabajo propone una reflexión sobre los cambios que se produjeron en el Territorio del Sisal, al norte-central del estado de Bahía, en virtud de la clase obrera éxodo hacia los grandes centros de largos períodos de sequía. Para analizar el comportamiento de la gente fuera de pista hasta la década de 1980, con respecto a los acontecimientos sociales y culturales, un tiempo que aún conserva sus originales principales aspectos culturales, y qué ha cambiado en el camino de la vida hasta la primera década de este siglo, después de los períodos más intensos de éxodo. Sugiere un análisis de la influencia de la globalización económica y las comunicaciones en el camino de la vida, las artes y costumbres. ¿Cómo han cambiado la faz de la interior, y cómo el fenómeno de la globalización coacciona para descomponer la comprensión de la realidad. A medida que el proceso de migración ha estado ayudando a revertir la recuperación y preservación de las costumbres regionales, a través del reconocimiento de la imaginación de la cultura, la identidad y popular, mientras que la imposición de estos cambios. Menciones de la cultura desde la perspectiva de los eventos artísticos relacionados con el trabajo, la vida y la muerte. También apunta a una nueva forma de devastación del medio ambiente y la explotación de la buena fe de las personas empleadas por las empresas y los partidos políticos: el turismo cultural.

Palabras clave: cultura, territorio de sisal, semiáridas, la hibridación.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. Processos contínuos.....	06
2. A arte do agreste.....	08
2.1- Breves descrições.....	09
2.1.1 – Boi Roubado.....	09
2.1.2 – Reisado.....	10
2.1.3 – Samba de Roda.....	10
2.1.4 – Cantos do trabalho.....	10
2.1.5 – Repente.....	10
2.1.6 – Literatura de Cordel.....	11
2.1.7 – Artesanato.....	11
2.2 – Discriminação regional.....	12
3. Soluções parciais.....	13
4. Imposições.....	14
5. Turismo cultural e o sertanejo: uma relação desumana.	15
6. Processos e indicadores.....	16
Considerações finais.....	17
Referências.....	18

Introdução

O clima seco foi um dos fatores que motivaram o êxodo da região Nordeste do Brasil. Problemas sociais, porém, como a má distribuição de terras e de renda, principais causas da miséria, são agravadas, em muitos aspectos, pela questão climática do semiárido baiano. As secas de 1915 e 1932 marcaram a história como as mais violentas do século XX (CASTRO, p. 218). Consequentemente foram anos de grande fluxo migratório. O crescimento desordenado de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro teve entre seus elementos básicos a chegada dos retirantes nordestinos. Estas duas cidades receberam mais flagelados do sertão do que todas as capitais da região Nordeste, apesar de se localizarem nos litorais. Entre as décadas de 1980 e 1990 os fluxos para o sudeste do Brasil se transferiram para o Distrito Federal e Região Sul. Desenvolveram-se políticas e tecnologias, muito foi investido em educação a fim de resolver a convivência com o sertão. Diversos programas e iniciativas reduziram consideravelmente as mortes por causas relacionadas à seca. Em meio a tantas transformações no contexto socioeconômico e cultural por que passa o país de tempos em tempos, o que restou foi um processo de hibridização de costumes e comportamentos e no modo de pensar e sentir o sertão.

O fenômeno das migrações, além dos novos meios de comunicação e da globalização da economia, é outro fator determinante para a ocorrência da hibridização cultural². Embora já cause a impressão de ter pequeno alcance comparado com a variedade e velocidade midiática, a transmissão do conhecimento por meio da troca de experiência nunca pode ser substituída.

1. Processos contínuos

O processo de hibridização é contínuo. Segundo Canclini “A questão do híbrido é uma característica antiga do desenvolvimento histórico”. Ao sair de suas terras, o nordestino pensava apenas na busca por melhores condições de vida, quando a sua maior contribuição estava na continuidade da história, na mudança da realidade de sua região, na busca por melhoras também para os que ali ficavam. No ano de 1877

² Fenômeno da multiculturalização estimulado pelo processo de dominação cultural. A hibridização cultural foi abordada por Nestor Garcia Canclini na obra **Cultura e Comunicação**, 1997.

houve, segundo o DNOCS³, o primeiro registro de retirada em massa, o destino foi a região amazônica do Primeiro ciclo da borracha. Estes peregrinos formavam multidões de pessoas pobres e analfabetas que cruzavam o país em condições miseráveis e, ao chegarem aos seus destinos, experimentavam adversidades iguais ou piores que as que deixavam para traz. O início da década de 1950, da expansão industrial, da segunda era Vargas, ficou marcado como o período de intensificação do êxodo nordestino⁴. A senhora Maria Coleta, 69 anos, ao ser entrevistada descreve sua comunidade no início dos anos 80: *“Uma coisa que chama a atenção é a figura das crianças, em 80 (1980) eram encontradas no meio das ruas descalças, nuas e sujinhas; Era comum ver cenas assim. Se via quem era pobre ou rico pela saúde. Filho de pobre era barrigudo ou tinha feridas. Hoje tá todo mundo tão bem tratado, bem vestido que parecem todos ricos”*.

Nos municípios do território do sisal durante o período das migrações os contrastes entre as classes sociais eram muito mais marcantes do que neste início de século. As lutas por terra eram violentas e as desigualdades, que não eram somente econômicas, se estendiam para todas as áreas da sociedade instalando-se o caos. Apenas os pobres eram analfabetos e a classe média era quase inexistente. Nas cidades, ricas mansões se erguiam diante das choupanas. Na zona rural contrastavam-se grandes fazendas e pequenas roças de agricultura de subsistência. De um lado os casarões exibiam caríssimas cristaleiras; do outro, pequeninos casebres eram decorados com utensílios feitos de embalagens reaproveitadas. Em períodos de seca, magras senhoras se espremiavam ao lado de raros caminhões pipa, ou caminhavam muitas léguas com suas latas de água barrenta na cabeça, enquanto famílias abastadas lutavam para manter o gado vivo. Os interiores das casas pobres eram alumados por lampiões de querosene. Crianças eram afastadas das escolas para trabalhar, e em muitos casos representavam a principal fonte de renda familiar. Até o final da década de 1990 o território do sisal era uma das regiões de maior incidência da exploração do trabalho infantil, sendo que a colheita do sisal e as pedreiras acolhiam maior número de ocorrências.

Muitos dos habitantes do semiárido baiano, em grande parte ainda hoje analfabeto ou semialfabetizado, aceita sem resistência o discurso dos determinismos geográfico e

³ DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

⁴ <http://www.comunidadenordestina.sp.gov.br/portal.php/hist>. Acesso em 18/04/2012.

biológico do nordeste usados estrategicamente pelas elites conservadoras para justificar os problemas regionais. Maria Madalena de Oliveira Firmo, vereadora pelo PT, ex-presidente e fundadora do sindicato dos trabalhadores rurais de Valente-BA, em entrevista, diz que “o povo ainda acredita que as coisas acontecem porque Deus quer, e que muitos trabalhadores ganham um terço de salário mínimo”. Este discurso, segundo Castro (1992), é um forte instrumento de legitimação da atuação dos diferentes grupos sobre o espaço.

2. A arte do agreste

Quase analfabeto e autodidata na arte, o homem do sertão encantou gerações com sua dança, sua música, artesanato, literatura. Apesar de toda a labuta, das condições climáticas e relações sociais precárias, acostumou-se a manifestar suas angústias por meio da arte. Com imensa capacidade criativa reinventa o mundo em doses diárias. Em qualquer esquina pode-se ver um repentista esbanjando talento nas cordas de sua viola, ou uma lavadeira cantando seus versos enquanto trabalha. Um utensílio construído a partir de uma lata vazia de leite em pó pode facilmente ser confundido com uma obra de arte. Sobre as lutas do povo do agreste, o Sr. Antônio Jovino, 71 anos, cantador de reisado, sambador e sanfoneiro⁵ diz:

“com o nosso passado a gente aprendeu a tirar a sobrevivência das pedras e deixar a amargura embora, porque ela sempre vem e depois vai. E se a gente ficar chorando, quando vier a próxima luta a gente ainda nem viveu. É assim que a gente passa os dias. Entre um problema e outro a gente faz festa senão não se vive”. (informação pessoal).

Os vinte municípios do Território do Sisal estão distantes e isolados das grandes cidades. Este fator, por um lado dificulta acessos e sistemas de comunicação, por outro favorece a continuação da originalidade das manifestações artísticas. Até a década de 1980, segundo o Sr. Antônio Jovino, muitos moradores da zona rural faziam rodas e fogueiras, hoje é muito raro acontecer. “Em lugares grandes, como Feira de Santana, isso nem existe mais”, completa.

⁵ Antônio Jovino: entrevista feita para compor este trabalho.

É nítida a semelhança que se nota no modo de vida do sertanejo de hoje e o dos moradores dos grandes centros. O morador do Sertão de hoje vê na TV a moda, os bordões, o carro do momento e até os trejeitos dos habitantes das grandes cidades. Essa necessidade de ser igual gera uma necessidade de consumo do produto hegemônico. Um exemplo disso é a música e os filmes consumidos, enquanto suas manifestações culturais mais originais vão se esvaecendo.

2.1- Breves descrições

A região Nordeste do Brasil é rica em artes e artistas em diversas formas expressão. Abaixo estão relacionadas algumas manifestações mais antigas e tradicionais presentes nos vinte municípios do Território do Sisal. Uma característica comum nas manifestações artístico-culturais regionais é a presença da religiosidade e solidariedade.

2.1.1 – Boi Roubado

Manifestação de música e dança fundamentado no trabalho solidário trocado entre as comunidades da zona rural. O pequeno agricultor, em geral também pequeno pecuarista, em anos de colheita abundante precisava contar com mutirões para a colheita e bata⁶ do feijão e do milho. Quando a lavoura estava pronta um grupo de voluntários se reunia e chegava de surpresa às exatas quatro horas da manhã, soltava foguetes e cantavam as bênçãos aos donos da casa. Durante todo o dia e até o fim dos afazeres este grupo permanecia na casa até a colheita terminar. Em troca o anfitrião era obrigado a matar um boi para alimentar os trabalhadores⁷ (Informações verbais).

⁶ Bata: o mesmo que bater o milho ou o feijão. É o ato de descascar ou debulhar após a colheita batendo com pedaços de paus.

⁷ Durante a elaboração deste trabalho muitos relatos foram ouvidos e o pesquisador esteve, por sessenta dias alternados entre dezembro de 2011 e abril de 2012, participou de todas as manifestações descritas no item 2.1.

2.1.2 – Reisado

Tributo aos Três Reis Magos do oriente, o reisado é um auto popular, sagrado e profano, desenvolvido por músicos, cantores e dançadores. Entre 24 de dezembro e seis de janeiro, passam em todas as casas anunciando o nascimento do Menino Jesus. Além de cantar e dançar fazem consagrações aos donos das casas onde dançam. O Reisado é conhecido em quase todo o território por nomes diferentes: Folias de Reis, Boi de Reis ou simplesmente Reis. Durante a cantoria é encenada a lenda do bumba-meu-boi. Há ainda variações como o Reis de corrida e Reis de moça.

2.1.3 – Samba de roda

Ritmo de origem africana que manifesta a poesia, a dança, a alegria peculiares das comunidades baianas. Semelhante ao jongo está associado à capoeira. O samba de roda é uma preservação da originalidade do samba. É praticado principalmente no recôncavo baiano, apesar de estar presente em todo o estado. No Território do sisal está representado em todos os municípios.

2.1.4 – Cantos do trabalho

No Território do Sisal anterior a década de 1980, quase todos os trabalhos eram realizados cantando. Aboiadores com seus estilos gregorianos cantavam para conduzir a boiada; mulheres lavadeiras cantavam para passar o tempo; nas casas de farinha, ao raspar mandioca, o canto tinha a finalidade de espantar o sono. Parteiras cantavam o nascimento e rezadeiras a morte. O sertão canta o plantio, a colheita, a reivindicação e a denúncia. Hoje os Cantadores do Sisal contam novas histórias em seus versos e ritmos originais.

2.1.5 – Repente

Também chamado de desafio é uma tradição brasileira originada no trovadorismo. Mais comum na região Nordeste do Brasil, é uma combinação entre música e poesia em que predomina o improviso. Possui diversos modelos de métrica e rima, e seu canto costuma ser acompanhado de instrumentos musicais.

Quando o instrumento usado é o pandeiro, o repente é chamado de coco de embolada; acompanhado do violão, denomina-se Cantoria; cantado sem acompanhamento musical, nomeia-se entoada, toada ou aboio⁸.

2.1.6 – Literatura de Cordel

Poesia popular produzida e comercializada em folhetos ilustrados com o processo de xilografia⁹. Também são utilizados nos desenhos, placas de lâminas de zinco. O nome literatura de cordel vem do costume do povo português de expor os folhetos amarrados em cordões, estendidos em mercados populares, feiras livres ou nas ruas. A tradição do cordel chegou ao Brasil com os portugueses no século XVIII. Aos poucos, foi se tornando cada vez mais popular. Hoje em dia, ainda são vendidos em lonas ou malas estendidas em feiras populares no nordeste brasileiro¹⁰.

2.1.7 - Artesanato

A matéria prima básica do artesanato do Território do Sisal são as fibras de sisal e caroá, a palha de pindoba e as cerâmicas. Vistos como atividade feminina não era reconhecido como gerador de renda. A produção era reservada ao próprio consumo ou para venda nas feiras livres, não por opção, mas por necessidade das artesãs. Na década de 1990, com apoio da Apaeb e o surgimento de cooperativas as técnicas foram aprimoradas e a comercialização passou a ser feita em escala maior. Tanto no artesanato de sisal quanto no de caroá, os fios são pigmentados por vegetações tintoriais da caatinga, o que caracteriza ainda mais o artesanato tradicional da região. A palha de pindoba vem se tornando cada vez mais escassa com a devastação da caatinga. (VELOSO, 2005)

⁸ Em: <http://cliquemusic.uol.com.br/generos/ver/repente>.

⁹ Xilografia ou xilogravura: processo semelhante ao carimbo em que se gravam imagens usando uma matriz de madeira. Os cordelistas ainda usam este sistema para manter a originalidade do cordel.

¹⁰ Em: <http://www.ablc.com.br/ocordel>.

2.2 – Discriminação regional

A migração, distante de ser uma opção foi a última instância contra a miséria. A massa de mão-de-obra se desloca de suas origens não espontaneamente, mas forçada por uma estrutura fundiária favorável ao grande proprietário. Aspirando por novas oportunidades, ao chegar numa região desconhecida o migrante experimenta sensações extremas como o deslumbramento, a repulsão, o preconceito. Maria Nazareth Ferreira destaca que “a destruição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação (...) identidade como alvo do doutrinamento cultural”. (FERREIRA, 2005. p. 36)

Reginaldo Garcês¹¹, 26 anos, morou por 12 anos em Florianópolis e destaca:

As pessoas, no início, tratavam com crítica por ser nordestino; depois a gente aprende a se defender. Nunca tive vontade de sair da minha terra, tinha vontade, sim de ter uma melhora, de sair daquela vida de não ter nada (...). Aprendi muito, a experiência foi maravilhosa, só caindo pra aprender (...). Aqui você ganha menos, mas não compensa, só se for para estudar. Para trabalhar não compensa. (Informação verbal)

Durante todo o período do êxodo nordestino, o sertanejo foi considerado vítima da seca, da fome, cidadão sem pátria e sem educação. Esta imagem estereotipada levou também ao subjugo da cultura nordestina. O próprio sertanejo assume uma visão dupla sobre si mesmo e sobre sua região: o orgulho de suas raízes e uma postura de inferioridade em relação aos Estados do sul. Ao formar a imagem do nordestino na grande cidade, a sociedade acabou colocando-o no lugar do “diferente” com uma conotação inferior. Segundo Andrade, neste contexto a cultura popular do sertão constitui algo pitoresco, exótico, cômico proporcionando uma visão verticalizada, tornando-a subalterna, folclórica (ANDRADE, 2006). No final do século XX pode-se observar uma inversão desta contextualização, por exigência dos próprios governos ou por necessidades econômicas e exploração do turismo regional. Uma nova consciência do espaço surge, principalmente, entre intelectuais que se sentem cada vez mais distantes do centro de decisão, do poder, seja no campo político, seja no da cultura e da economia. Uma distância tanto geográfica, quanto em termos de capacidade de intervenção. (Albuquerque Jr, 2001, p.50)

¹¹ Morador de Valente-BA cedeu este depoimento na mesma semana em que chegou de Florianópolis decidido a permanecer.

3. Soluções parciais

Ao longo da história do Território do sisal pode-se observar uma busca demasiada por um desenvolvimento industrial e econômico, o interesse por inovação tecnológica. Houve com isso, sérios impactos na questão social rural e na concentração de renda e de terras.

A criação em 1980 da Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira-APAEB, criou novas expectativas no sentido de solucionar problemas primários. Apoiada pelo Movimento de organização Comunitária – MOC, a Associação teve como objetivos iniciais: Promover a organização dos pequenos agricultores, trazer gêneros de primeira necessidade diretamente do produtor repassando-os a preços bem mais acessíveis para seus membros e valorizar toda a produção dos camponeses¹². A Apaeb estimulou o surgimento de diversos outros movimentos de trabalhadores do sisal, como é o caso da Fundação de Apoio aos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares da Região do Sisal e Semiárido da Bahia-FATRES e o Conselho de Desenvolvimento Sustentável do Território do Sisal-CODES. Maria Madalena de Oliveira Firmo afirma que "Nos últimos 30 anos houve mudanças consideráveis na dinâmica social do território. Programas de crescimento econômico, lutas e reformas, porém os avanços, apesar de bem visíveis estão distantes de serem satisfatórios". (Informação verbal) O meio ambiente, por exemplo, ainda é uma questão preocupante. Com a devastação da caatinga aumentaram os problemas climáticos nos últimos anos e a incidência de chuvas é cada vez menor. A desertificação é o mais grave problema ambiental desta região¹³. Maria Madalena de Oliveira Firmo crê ainda que "A erradicação do trabalho infantil é uma grande conquista, mas apesar disso há crianças fora das salas de aula em número ainda muito elevado" (Informação verbal).

¹²<http://www.apaeb.com.br/portal/index>.

¹³<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-desertificacao-no-brasil/desertificacao-no-brasil>.

4. Imposições

Segundo Renato Ortiz: “Padronização não é o mesmo de homogeneização. O homem não é homogêneo e o mundo é extremamente diferenciado”. (ORTIZ, 2009).

A hibridização está presente em todos os momentos históricos e regiões do Brasil. O Território do sisal tem em suas construções características marcantes da arquitetura portuguesa do século XVIII, tão enraizadas que algumas construções relativamente novas seguem os mesmos padrões. No entanto, os “importados” modernos das artes sem qualidades criadas para explorar as massas, presentes principalmente nas produções audiovisuais são o que provocam inquietações e comprometem a cultura do sertão. Andrade esclarece este ponto de vista a seguir:

A televisão e o rádio, controlados por empresas que atuam em escala nacional, contribuem para a divulgação de padrões nacionais e até de “enlatados” adquiridos no exterior, desvalorizando e considerando fora de moda as manifestações culturais tradicionais, regionais e locais. Desse modo, festas nordestinas como as de São João e o próprio carnaval tendem a desaparecer ou se estandardizar copiando modelos das grandes cidades. (...) Hoje já existe uma reação partida das instituições culturais procurando a conquista de espaço para estas atividades que, esperamos, tenha sucesso, a fim de evitar que o processo de crescimento sem mudança a que estamos assistindo decreta a morte das características regionais. (ANDRADE, 1988. p. 60)

Do ponto de vista econômico, em paralelo a necessidade de geração de renda, há de se observar os possíveis riscos para a cultura regional. Sobre a dualidade necessidade/risco, Maria Nazareth Ferreira constata:

Uma parte significativa da cultura regional está condenada a desaparecer caso não se tome alguma iniciativa no sentido de revigorar suas manifestações. Outra parte, aquela que se transfigurou em mercadoria, está sobrevivendo e, a curto prazo, trazendo vantagens materiais para os seus criadores. Mas está pagando um preço muito alto. Está perdendo as suas características próprias, sua função identitária. (FERREIRA, 2005. p. 64)

5. O turismo cultural e o sertanejo: uma relação desumana

Nada impede que as artes e os costumes de um povo sejam empregados visando o crescimento econômico, pelo contrário, eles sempre constituíram fontes de sobrevivência em todos os pontos do planeta. No Território do Sisal como em todo o país, ainda não há uma clara compreensão nem dissociação dos termos *cultura* e *mercadoria*. Sob o título de Turismo Cultural existem diversas formas de exploração humana. O turismo como fonte de conhecimento pode proporcionar contribuições importantes para uma reflexão crítica no sentido de tratar a cultura como patrimônio e eliminar a rotulação de mercado.

Antes da década de 1980 o território do sisal produzia arte apenas para o seu próprio consumo. Principalmente na década de 1990 com o crescimento da APAEB, que motivou também o surgimento de outras instituições, produtos culturais como o artesanato e a música conquistaram mercados nacionais e internacionais, tornando-se fonte de renda de muitas famílias humildes. Porém, a manipulação da economia da cultura intensifica problemas já existentes como a má distribuição de renda. A arte do sertão é abundante, mas muito mal remunerada. Elione Alves de Souza, coordenadora de produção, conta que o principal comprador do artesanato da Cooperafis¹⁴ é a rede Wall Mart em São Paulo e que cada uma das artesãs ganha entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 por semana. O grupo Cantiga de Roda de música regional esteve em agosto de 2011 no município de Cansanção, contratado pela secretaria de cultura para apresentar-se na festa de aniversário da cidade. Os doze integrantes passaram seis horas no local sem água ou qualquer alimento e como gratificação recebeu apenas o transporte para o deslocamento de aproximadamente 200 km. Não se tem notícias de grupos ou artistas do Território do Sisal que sejam remunerados por seu trabalho. A exceção fica por conta dos que moram e trabalham fora da região.

¹⁴ Cooperafis – Cooperativa Regional de Artesãs Fibras do Sertão (BA). Produz peças artesanais (bolsas, chapéus, porta-CDs, porta-canetas, jogos americanos) com matérias-primas renováveis, fibras de sisal e caroá, técnicas tradicionais e uso de corantes naturais de árvores nativas como: angico, jurema, são João, pau-de-colher, baraúna e erva de passarinho.

6. Processos e Indicadores

O processo histórico do sertão se desenvolveu a partir de lutas violentas, desafios e personagens lendárias. Em quase todos os episódios desta formação há batalhas por superação e sobrevivência. E a cada ano que passa o habitante do semiárido aprende a lidar melhor com as limitações regionais. Durante a década de 1980 a morte por causas relacionadas à seca foi erradicada. Desde então, livres da ameaça a vida, tem surgido avanços em todos os setores. Segundo o Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento-PNUD, entre 1991 e 2005 o Nordeste foi a região que apresentou maior crescimento do IDH no Brasil. O IBGE/Pnad indica que a cada censo aumenta o índice de alfabetização. O Território do Sisal está inserido nestas estatísticas acima da média dos outros territórios do sertão, como é o caso do IDH¹⁵, que apresenta maior o crescimento entre os territórios do estado da Bahia. A inserção e participação popular na produtividade, agricultura familiar, economia solidária são exemplos de experiências instituídas no Território do sisal e que vem estimulando mudanças visíveis que refletem dos simples elementos referenciais à melhoria na qualidade de vida da população. A participação popular no semiárido baiano constituindo Cooperativas e firmando maior participação nas políticas públicas locais vem alterando consideravelmente as relações com o ambiente social. No entanto, mesmo com todas as melhoras apresentadas após a década de 1980 na economia regional, e indicadores sociais, muito pouco foi feito diante das necessidades e aspirações do povo sisaleiro. Notam-se ainda hábitos primitivos nas relações políticas como o voto de cabresto, a compra de votos, coronelismos, paternalismos e favorecimentos. Na mesma proporção dos avanços econômicos está a devastação da caatinga e o descaso com os bens simbólicos.

¹⁵ <http://www.seagri.ba.gov.br>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi estimular, por meio de argumentos simples e diretos, uma reflexão sobre as questões culturais regionais e promover a continuidade do seu processo de formação.

Em termos organizacionais e colaborativos o Território do Sisal, após a década de 1980, vem passando por um novo momento estimulado pelo empenho coletivo e por novas maneiras conviver com as limitações políticas e climáticas. Identidade, solidariedade, movimentos sociais, inclusão são termos utilizados constantemente na luta por mudanças sociais, mas que se detém na manipulação do poder público. O simples desejo de invenção de uma nova sociedade não é suficiente quando os obstáculos são tão grandes. Iniciar novos debates sobre políticas públicas e ações de crescimento pode significar a solução de vários problemas estruturais.

No campo das manifestações artísticas, o Território se apoia na resistência de pessoas que lutam pela preservação da cultura local, contra a severa colonização do sistema global por meio da arte hegemônica representada principalmente no cinema e na música.

Deve-se lembrar, no entanto, que há ainda no contexto do Território, condutas enraizadas, vícios de comportamentos possíveis de serem transformados, mas distantes do que se pode chamar de superação. Compete, portanto ao próprio povo exigir novas atitudes no desempenho dos novos gestores públicos a fim de modificar estruturas e vencer a desigualdade social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

ANDRADE, Manuel Correia de. *O Nordeste e a questão regional*. São Paulo. Ática, 1988.

ANDRADE, Vivian Galdino de. *A produção e instituição da identidade nordestina a partir das linguagens da cinematografia brasileira*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso em 11/04/2012 as 15:22.

BRANCO, Adelia de Melo; VAINSENER, Semira Adler. *Distante do Éden: As condições de Trabalho das migrantes na Região do São Francisco*. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/tpd/115>. Acesso em 03/02/2012 as 03:22.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo. Edusp, 1997.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro. Sintra, 1984.

Desertificação no Brasil. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/meio-ambiente-desertificacao-no-brasil>. (Acesso em 20/03/2012 as 16:47)

Estimativa da População e IDH dos Municípios por Território de Identidade. Disponível em: http://www.seagri.ba.gov.br/populacao_idh_territorios.pdf. Acesso em 14/03/2012 as 02h33min.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Identidade cultural e turismo emancipador*. São Paulo. Celacc-Eca/USP, 2005.

Histórico das migrações. Disponível em: www.comunidadenordestina.sp.gov.br. Acesso em: 04/03/2012 as 03:21.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2009.

MALI, Thiago. *Melhor IDH é do DF*. Disponível em: http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3038&lay=pde. Acesso em 14/03/2012 as 3:51.

NASCIMENTO, Humberto Miranda do. *Conviver o sertão: Origem e evolução do capital social em Valente-BA*. São Paulo: Annablume, 2003.

NETO, Agripino Souza Coelho; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araújo da. *(GEO) grafias dos movimentos sociais*. Feira de Santana: UEFS, 2007.

ORTIZ, Renato. *Identidade e globalização*. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia>. Acesso em 14/03/2012 as 03:15

VELOSO, Tatiana Ribeiro. VALADARRES, José Horta. SOUZA, Jerônimo Rodrigues. *Mulheres de fibra: A experiência do artesanato tradicional no Território do sisal na Bahia*. Disponível em: <http://sites.poli.usp.br/p/augusto.neiva/nesol/Publicacoes>. Acesso em 22/04/2012 as 20:20. 2005.

VILLA, Marco Antônio. *Vida e Morte no Sertão*. 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 2000.